

Farmácias estão de Luto e lutam contra o risco de fechar as portas

Inês Pinto Correia
inespc@noticiaspenafiel.com

As Farmácias estão de Luto, por todo o país pode ler-se nas montras das farmácias o protesto. E não, não é uma campanha publicitária, é mesmo um manifesto, uma reacção, um grito de quem tem vivido o sufoco de deixar de conseguir pagar as contas ao final do mês, de uma actividade de utilidade pública e que até há pouco tempo atrás era rentável.

Fala-se da política do medicamento, que tem esmagado margens de negócio, enquanto a nível governamental se faz dessa política uma bandeira de apoio social ao doente, as farmácias correm o risco de fechar, ao todo 600 a nível nacional estão em risco eminente de fechar portas se nada mudar.

A campanha, lançada pela Associação Nacional das Farmácias visa a recolha de assinaturas, numa petição nacional a ser entregue no Parlamento no dia 15 de Outubro, dia em que será votado o Orçamento de Estado para 2013.

O Notícias de Penafiel foi tentar perceber numa farmácia distante da cidade as dificuldades sentidas e o que leva a este manifesto a nível nacional. A Farmácia Mota Torres em Rio Mau é uma das que está de Luto, a servir cerca de 2000 pessoas e com 3 funcionários, com a porta aberta há 27 anos, está agora numa situação de incerteza que leva Maria José a falar-nos com alguma emoção.

Acima de tudo a directora técnica e proprietária desta farmácia de Rio Mau, esclarece que esta "é uma forma de luta", as coisas não estão fáceis em nenhuma actividade, mas as farmácias vivem dias de grande aflição. "De há dois anos para cá a política do medicamento levada a cabo pelos sucessivos governos têm vindo a descer as margens vertiginosamente, não temos ganhos", desabafa com triste-

za, "o ano passado fechamos as contas no negativo, hoje vendemos medicamentos mais baratos que um café, ninguém consegue manter um negócio sem ganhos".

Proprietária da Farmácia Mota Torres (Rio Mau) teme ter que fechar as portas

Maria José explica que para além da utilidade pública, ter um espaço aberto é para ganhar dinheiro e poder pagar as contas, agora não podem prestar um serviço à comunidade se estiverem a perder, esta decadência do sector está a afectar proprietários e colaboradores, há farmácias que estão a reduzir no pessoal e nas horas de serviço para conseguir fazer face às perdas diárias de facturação.

A campanha Farmácias de Luto pretende chamar a atenção dos governantes, alertá-los para uma mudança no caminho. Maria José conta que tem colegas que já fecharam as portas e em jeito de desabafo confessa "não sei até quando vou aguentar", de lágrima no olho, com a emoção de ver o seu negócio, em risco de fechar portas, Maria José está indignada com o percurso que tomou a área farmacêutica, com os ataques que tem vindo a sofrer.

Para esta farmacêutica, é uma área de que a população necessita, "falamos de saúde, de utilidade pública, que funcionava lindamente e com as sucessivas medidas governativas que não nos levam a lado nenhum. No fundo o problema é de má gestão, má gestão do país, estamos a governar para a Troika".

Não só as farmácias estão nesta situação, Maria José acredita que a própria indústria se esteja a ressentir com esta constante alteração no preço de venda ao público. Acusa ainda que a política dos



genéricos não é a melhor, defende que devia haver testes rigorosos a todos os produtos que circulam no mercado.

Dado ao elevado número de medicamentos, com o aparecimento dos genéricos, as farmácias não conseguem ter hoje em stock grande parte, o que afecta o negócio. Esta farmacêutica defende que acima de tudo são um negócio e ninguém mantém a porta aberta para perder.

Sector pretende que sejam corrigidas as medidas que levaram à degradação económica das farmácias

Por isso até ao dia 11 de Outubro recolhem-se as assinaturas que serão entregues no dia 15. Esta luta é feita

em rede, com a Associação Nacional de Farmácias, que para Maria José tem sido uma mais-valia, uma ajuda a lutar, considera mesmo que algumas das conquistas se devem a uma associação forte que os apoia.

Actualmente a ANF, que representa 97% das farmácias portuguesas, luta para que o governo corrija as medidas que levaram a esta situação, como pode ler-se no site da Associação, João Cordeiro, presidente da ANF, informa que "a margem das farmácias não lhes permite cobrir actualmente os custos fixos, sendo que as estimativas apontam para o encerramento de 600 farmácias em 2013. Foi o Estado que conduziu o sector à situação de colapso em que se encontra, através das medidas legislativas que lhe impôs, sem qualquer avaliação prévia ou posterior do seu impacto, e só o Estado pode corrigir essas medidas".

Relativamente a essas medidas, Maria José admite que são sempre necessárias mudanças aos longo dos tempos e em todos os sectores, mas aquele que foi um bom

negócio está agora a sofrer com políticas que considera "estão a matar-nos". Vai mesmo ao início da questão e explica que só começou a assentir um verdadeiro ataque às farmácias com o governação de Sócrates, que este governo tem mantido.

Não se fala só em perda de lucros, não se trata de emagrecer uma gordura que estava a mais, trata-se de farmácias que tinham lucros, verem as margens reduzidas de tal forma que não conseguem manter as portas abertas, trata-se de não servir a população, não conseguem ter stocks, não têm jogo de cintura na gestão.

O grande medo é ter mesmo de fechar as portas, é não aguentar e encerrar, o medo que sente é por si, porque esta é a sua forma de viver e pelos colaboradores, "no fim é um filho que criamos e por motivos alheios estamos a ver o negócio a afundar", afirma com uma emoção que estremece, que é impossível ficar indiferente aos receios destes farmacêuticos que apenas querem manter a porta aberta.